

Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico (EDF0285)

orientações para leitura, fichamento e produção de texto

Professora Juliana Oliva

LEITURA

- O que é um texto
- Quem participa do texto
- Como estudar um texto filosófico

FICHAMENTO

- Para que serve
- Principais elementos
- Como organizar

TEXTO

- A quem nos dirigimos
- Como nos dirigimos
- Como organizar

Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico (EDF0285)

orientações para leitura, fichamento e produção de texto

Professora Juliana Oliva

Dicas para ler um texto de filosofia, fazer um fichamento e escrever um texto

Ao longo do semestre, vocês leram os textos do programa conforme o próprio costume que já tem na hora de fazer uma leitura, com a própria bagagem que trazem de outros estudos e também do modo de ver a vida.

Em geral, no início do curso **falamos sobre as origens da filosofia e de suas supostas definições**, mas nem sempre paramos nossos programas para conversarmos sobre maneiras de olhar e de lidar com um texto filosófico.

Assim, aproveitando os desvios de percurso que ocorrem neste momento, gostaria de compartilhar **algumas dicas de manuais importantes**, *Como ler um texto de filosofia*, do Professor Antônio Joaquim Severino, e *Como se faz uma tese* de Umberto Eco, e **outras que aprendi ao longo do meu percurso acadêmico**.

Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico (EDF0285)

orientações para leitura, fichamento e produção de texto

Professora Juliana Oliva

Leitura

Vejamos alguns detalhes da **definição de texto** por Severino em *Como ler um texto de filosofia*: Temos que **dois sujeitos – autor(a) e leitor(a) – podem se comunicar** por meio de um texto. Ao ler um texto, **não tenho acesso ao pensamento** e não experiencio o mundo como a consciência de quem o escreveu, mas tenho a **codificação desse pensamento** transmitido por meio do texto e que **apreendo enquanto subjetividade**. Ou seja, alguém pensa em algo e para transmitir esse pensamento, utiliza signos cujos significados todos os indivíduos leitores conhecem, e esses leitores, **pelo conhecimento que adquiriram sobre esses signos, recebem a mensagem**.

Mas em que medida a objetividade dos signos e a transmissão exata do pensamento estão garantidas?

Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico (EDF0285)

orientações para leitura, fichamento e produção de texto

Professora Juliana Oliva

Primeira parte

Textos, comunicação e leitura

De acordo com as premissas adiantadas na Apresentação, todo texto é um conjunto de signos lingüísticos que codificam uma mensagem. É um meio codificado, utilizando signos lingüísticos, pelo qual se viabiliza a comunicação entre as pessoas, entre duas ou mais consciências capazes de decodificar esses signos. Portanto, é um meio de comunicação entre subjetividades.

Texto: um conjunto de signos lingüísticos que codificam uma mensagem.

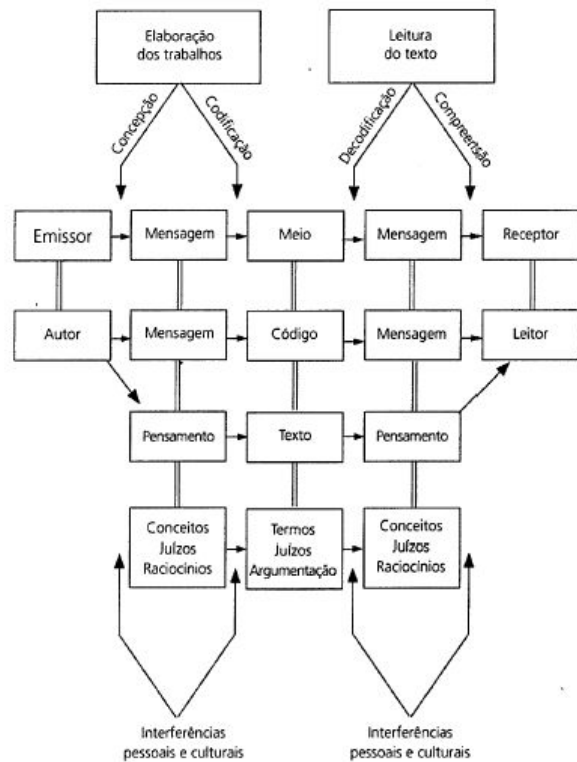
Quando alguém escreve um texto, está se colocando como um emissor que pretende transmitir uma mensagem para um receptor. A mensagem é pensada pelo autor, codificada mediante signos e transmitida ao leitor. Portanto, ao redigir, o autor/emissor procede à codificação da mensagem a ser transmitida; o leitor/receptor, ao ler o texto, procede à decodificação da mensagem do autor, para então apropriar-se dela em seu pensamento, assimilando-a, personalizando-a e compreendendo-a. Esse é o ciclo completo do processo da comunicação entre os sujeitos humanos.

Na prática da comunicação, porém, os sujeitos humanos sofrem, em todas as fases do processo, uma série de interferências subjetivas e culturais que põem em risco a “objetividade” da comunicação, impedindo que tanto a codificação como a decodificação da mensagem possam ser realizadas. Daí

10 Como ler um texto de filosofia

se fazerem necessárias algumas precauções, certos cuidados para minimizar esses riscos e garantir que a mensagem seja adequadamente codificada e decodificada.

O processo da comunicação humana pode ser bem representado pelo fluxograma abaixo:



Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico (EDF0285)

orientações para leitura, fichamento e produção de texto

Professora Juliana Oliva

Somos não apenas **consciências diferentes**, mas **nossa subjetividade conhece e é afetada pelo mundo** das mais diversas maneiras. É só pensarmos numa simples troca de mensagens em aplicativos de mensagem, como o *whatsapp*, por exemplo, para termos uma ideia da complexidade da distância entre emissor(a) e receptor(a).

Assim, há algumas **recomendações** importantes para o contato com a mensagem transmitida por um texto, no nosso caso, um texto filosófico. Deixo algumas dicas:

- **Concentração** é fundamental! Sabe quando você está lendo, mas tem alguma preocupação, ou até mesmo uma pessoa, que não sai da sua cabeça? Às vezes, durante uma leitura, em vários momentos a gente sai e retorna ao texto, e no fim, até consegue entender o essencial. Mas durante a leitura de um texto filosófico, deixar o pensamento perder-se nos problemas ou em *crushes*, por exemplo, pode nos causar prejuízos e nos fazer recomeçar a leituras algumas vezes. Assim, deixe tudo de lado e mergulhe na leitura.

Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico (EDF0285)

orientações para leitura, fichamento e produção de texto

Professora Juliana Oliva

- Neste momento em que vivemos, parece que o que não sai da nossa cabeça são mesmo as tristes notícias sobre a COVID-19 e sobre os riscos do cenário político, o que **dificulta a concentração em nossas atividades por muito tempo**. O que pode ajudar é a **divisão do texto em pequenas partes**, para você **ler em momentos diferentes** ao longo do dia ou da semana. Assim você aproveita os momentos de concentração, às vezes tão curtos, do seu dia, sem se desesperar quando perde o foco diante de tantas páginas que você ainda tem pela frente. Só **tome cuidado** para que os **intervalos** entre uma etapa de leitura e outra não sejam muito longos.
- Outra dica para uma melhor compreensão do texto é **buscar as palavras desconhecidas e anotar seus significados**. Por isso, tenha por perto um **dicionário da Língua Portuguesa** e, para os conceitos simbolizados pelas palavras, um bom **dicionário de Filosofia**.

Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico (EDF0285)

orientações para leitura, fichamento e produção de texto

Professora Juliana Oliva

- Mas às vezes é preciso ir além dos dicionários. Consultar **comentadores do texto estudado** pode ser esclarecedor, tanto no que concerne aos **conceitos** da reflexão filosófica apresentada no texto como a respeito da **vida, obra e pensamento** da autora ou do autor estudada/o. **Professores, boas revistas científicas** e, hoje em dia, também **canais de vídeo** e outras páginas da *web* podem ser boas fontes para a recomendação de comentadores. Vale também conhecer o **contexto histórico** em que o texto foi escrito. Um dos elementos fundamentais que essas consultas, assim como as explicações e debates em sala de aula, **podem te auxiliar a levantar são as problematizações presentes no texto.**
- E por fim, tomar **notas** e fazer um **fichamento** do texto podem te ajudar a pensar melhor e a compreender o que você está lendo.

Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico (EDF0285)

orientações para leitura, fichamento e produção de texto

Professora Juliana Oliva

Antes de passarmos às dicas sobre fichamentos, um pouco mais sobre leitura segundo Severino:

Antônio Joaquim Severino 11

1 O que é ler?

A leitura de um texto é a decodificação da mensagem de que se é portador. Trata-se, pois, de uma etapa do processo de comunicação, uma mediação da comunicação. Enquanto a escrita é o processo de codificação da mensagem, pelo autor, a leitura é o processo inverso e simétrico de decodificação da mensagem, pelo leitor. Mas, para realizar a leitura, o leitor precisa preencher algumas condições.

A primeira é, obviamente, o domínio do código usado para a produção do texto. Aqui trataremos do código lingüístico, mas um documento pode ser produzido também mediante outros tipos de signos, como imagens, gestos, sons etc. Assim, o leitor precisa conhecer a língua em que o texto foi escrito e esse conhecimento dos signos implica dois níveis: primeiro, o conhecimento dos *significantes* e dos *significados*. É que quando falamos dos signos da linguagem, é preciso levar em conta duas dimensões. Cada signo lingüístico carrega em si um *significante*, que é o lado material (o grafema, no signo escrito, ou o fonema, no signo oral, ou seja, as letras ou os sons), e o *significado*, que é o lado conceitual, ou seja, o sentido que aquele significante vai suscitar na mente do leitor.

Lidamos, então, na leitura, com as *palavras* ou *termos*, e com os *conceitos* ou *idéias*. As palavras ou termos são o lado visível e material da linguagem, estruturando-se de acordo com as regras gramaticais de cada língua. Já os conceitos ou idéias são os “conteúdos mentais” que correspondem a cada palavra, por meio dos quais representamos um objeto,

Leitura de texto: a leitura de um texto é a decodificação da mensagem de que se é portador.

A escrita é o processo de codificação da mensagem, pelo autor.

12 Como ler um texto de filosofia

pensamos uma coisa ou uma relação entre palavras. É pela mediação dos conceitos que pensamos e concebemos as coisas e, conseqüentemente, as mensagens que, sobre elas, os textos escritos ou falados querem nos passar. O conceito representa e substitui a coisa no âmbito da consciência subjetiva e é graças a ele que podemos, então, pensar.¹

Mas os conceitos, por sua vez, para serem comunicados, precisam também ser simbolizados, mediados, o que ocorre graças aos termos, às palavras. Estas são as *mediações lingüísticas dos conceitos*. Assim, para nós, sujeitos humanos, a intelecção de um conceito passa necessariamente pela leitura da palavra. Conceitos e palavras formam uma unidade tanto do ponto de vista da lógica como da gramática.²

Mas, para pensar, para elaborar suas mensagens, a mente humana não usa apenas conceitos e termos isolados: os conceitos, tanto quanto os termos que os representam, se unem e formam seqüências chamadas juízos ou proposições que, por sua vez, unidos, formam conjuntos maiores, chamados raciocínios ou argumentações.

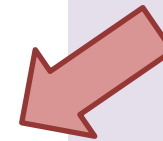
Assim, um texto é, na realidade, uma mensagem codificada sob forma lingüística de um raciocínio. A redação é uma argumentação correspondente a um raciocínio, construído sobre a base do encadeamento lógico de conceitos,

¹ Neste livro, usamos o termo/conceito “representação” para designar o conteúdo do conhecimento em nossa mente. Na verdade, não é uma boa palavra para isso, pois acaba passando a idéia de que o conhecimento é um processo de representação. Mas o conhecimento é, isso sim, um processo de construção. O conceito, o conteúdo da mente, não é uma foto das coisas, mas o resultado de um complexo processo de construção. Esta é uma discussão epistemológica que não cabe aqui. No entanto, desde já, fica um chamado de atenção.

² Igualmente, a questão da relação entre linguagem e pensamento, entre conceito e palavra, é uma das mais espinhosas tanto para a lingüística como para a epistemologia. As coisas não são tão simples como aqui apresentadas. Estou expondo apenas algumas referências elementares para o entendimento didático desse tema, uma vez que não cabe aprofundar sua discussão aqui.

idéias e juízos. A leitura é o processo de decodificação da mensagem, pela captação e acompanhamento do raciocínio do autor.

Lembram do conceito de pluriversalidade em Ramose, por exemplo?



Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico (EDF0285)

orientações para leitura, fichamento e produção de texto

Professora Juliana Oliva

Fichamento

O fichamento é uma forma de organizar informações sobre o texto lido de modo que estas possam ser consultadas posteriormente sem a necessidade de ler o texto toda outra vez. Como fazer esse registro? O formato dos fichamentos variam de estudante para estudante e também de texto para texto. Pode ser que você consiga refazer todo o percurso de determinado trecho do texto na sua cabeça com **poucas palavras sobre uma passagem**. Mas há quem precise de **mais detalhes** e até mesmo de **um trecho reescrito com suas próprias palavras** para a retomada daquilo que está em questão em certa passagem.

Além disso, se, para além de registrar as **principais ideias de cada parágrafo**, você tiver a intenção de **investigar um conceito ou uma problemática** específica nesse texto, você precisa assumir esse foco em seu fichamento e **destacar aquilo que lhe interessa**.

Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico (EDF0285)

orientações para leitura, fichamento e produção de texto

Professora Juliana Oliva

Principais elementos de um fichamento

A **referência bibliográfica completa do livro ou da revista** ao qual o texto fichado pertence e o **número da página** à qual pertencem cada parágrafo fichado e cada citação transcrita no seu registro são fundamentais, pois são dados dos quais você precisará para elaborar as referências do que você escreve no seu trabalho acadêmico.

O fichamento deve ser feito **à mão ou digitado**? A escolha é sua. Se você fizer à mão, pode **escrever, sublinhar, riscar, rabiscar, trocar de cor, desenhar esquemas, circular palavras...**o que você pode fazer também no computador, eu sei, mas sem a necessidade de comandos ou limites de um programa e do ambiente digital. E aí vocês já percebem que eu prefiro escrever meus fichamentos à mão. Mas, se você lida bem com a escrita no computador, vá em frente. Nesse caso, a vantagem é que você já terá meio caminho andado para escrever o seu texto. É o momento em que **você já digita citações e suas próprias reflexões** que poderão ser utilizadas em seus trabalhos.

Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico (EDF0285)

orientações para leitura, fichamento e produção de texto

Professora Juliana Oliva

E sim, para além do texto, **você pode registrar também as suas impressões num fichamento**. No mestrado, meu orientador me falou sobre um modo de fichar que utilizava as duas páginas que ficavam lado a lado num caderno aberto. A ideia era fazer **um fichamento com informações do texto de um lado e no outro lado, escrever suas impressões**.

Sobre **a divisão do fichamento**, siga **a divisão do próprio texto**, identifique parágrafos (**numere os parágrafos** no texto também) e **seções**.

Compartilho abaixo alguma das orientações e exemplos de Umberto Eco para fichamentos em *Como se faz uma tese*:

Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico (EDF0285)

orientações para leitura, fichamento e produção de texto

Professora Juliana Oliva

4.2.2. *Fichamento das fontes primárias*

As fichas de leitura servem para a literatura crítica. Não usarei esse tipo para as fontes primárias. Em outras palavras, se você prepara uma tese sobre Manzoni, é natural que fiche todos os livros e artigos sobre esse autor que puder recolher, mas seria estranho fichar *I promessi sposi* ou *Carmagnola*. Dar-se-ia o mesmo no caso de uma tese sobre alguns artigos do Código Civil.

O ideal, para as fontes primárias, é tê-las à mão. O que não é difícil em se tratando de autor clássico, sobre o qual existe abundância de excelentes edições críticas, ou moderno, cujas obras estão nas livrarias. Em qualquer caso, trata-se um investimento necessário. Um livro ou livros *seus* podem ser sublinhados, até em cores diferentes. E vejamos para quê.

Sublinhar personaliza o livro. Marca o seu interesse. Permite-lhe voltar ao livro depois de muito tempo e encontrar imediatamente o que outrora despertou seu interesse. Mas cumpre sublinhar com critério. Há pessoas que sublinham tudo. Isso equivale a não subli-

Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico (EDF0285)

orientações para leitura, fichamento e produção de texto

Professora Juliana Oliva

Tabela 6: FICHA DE REMEMORAÇÃO

REM.	Nº
Passagem do tátil ao visual	
Cf. Hauser, <u>História social da arte II</u> , 267, onde cita Wlfflin para a passagem do tátil ao visual entre o Renascimento e o Barroco: linear <u>versus</u> pictórico, fechado <u>versus</u> aberto, clareza absoluta <u>versus</u> clareza relativa, multiplicidade <u>versus</u> unidade. Essas idéias encontram-se em Raimondi, <u>Il romanzo senza idillio</u> , ligadas às recentes teorias de McLuhan (<u>A Galáxia de Gutenberg</u>) e Walther Ong.	

nhar nada. Por outro lado, pode acontecer que, numa mesma página, surjam informações que lhe interessam em níveis diferentes. Aqui, cabe diferenciar os traços.

Use lápis de cor, de ponta fina. Atribua a cada assunto uma cor: essas cores reaparecerão no plano de trabalho e nas fichas. Terão muita valia no momento da redação, quando você não terá problema em reconhecer que o vermelho se refere aos trechos relevantes do primeiro capítulo, o verde aos do segundo, e assim por diante.

Associe uma sigla às cores (ou use siglas em vez de cores). Voltando ao nosso tema dos mundos possíveis na ficção científica, utilize a sigla IT para as inversões de tempo, C para as contradições entre mundos alternativos. Se a tese aborda vários autores, use uma sigla para cada um.

Use siglas para sublinhar a relevância das informações. Um sinal vertical à margem com a anotação IMP esclarecerá que o trecho é *muito importante*, tornando-se desnecessário sublinhar todas as linhas. CIT poderá significar que o trecho merece ser citado por inteiro. CIT/IT significará que a citação é ideal para explicar o problema das inversões de tempo.

Coloque siglas nos pontos a retomar. Numa primeira leitura, certas páginas lhe parecerão obscuras. Nesse caso, coloque à margem e ao alto um grande R ("rever"), e assim saberá que precisa voltar a elas, para aprofundar seu conteúdo, depois que a leitura de outros livros esclarecer aquelas idéias.

Quando não se deve sublinhar? Quando o livro não for seu, naturalmente, ou se tratar de uma edição rara, de grande valor comercial, que perderá muito desse valor se rabiscada. Neste caso, o melhor é tirar fotocópias das páginas relevantes e sublinhá-las. Ou transcrever num caderno os trechos importantes, intercalando-lhes comentários. Ou ainda elaborar um fichário também para as fontes primárias, trabalho fatigante já que você precisará fichar praticamente página por página. Será ótimo se a tese for sobre *Le grand Meaulnes*, livro bem curto: mas se for sobre *A Ciência da Lógica*, de Hegel? E se, voltando à nossa experiência na biblioteca de Alexandria (3.2.4.), você precisar fichar a edição seiscentista do *Cannocchiale aristotelico* de Tesouro? A solução é a fotocópia ou o caderno de apontamentos, também este controlado por cores e siglas.

Complete os trechos sublinhados com marcadores de página, anotando na extremidade saliente as siglas e as cores.

Cuidado com o alibi das fotocópias! As fotocópias são um instrumento indispensável, seja para que você conserve um texto já lido na biblioteca, seja para que leve para casa algo que ainda não leu. Mas às vezes as fotocópias funcionam como *alibi*. Alguém leva para casa centenas de páginas fotocopiadas e a ação manual que exerceu sobre o livro lhe dá a impressão de possuí-lo. E a posse exime da leitura. Isto acontece a muita gente. Uma espécie de vertigem do

Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico (EDF0285)

orientações para leitura, fichamento e produção de texto

Professora Juliana Oliva

acúmulo, um neocapitalismo da informação. Cuidado com as fotocópias: leia-as e anote-as logo após tirá-las. Se não tiver apressado, não tire fotocópias de textos novos antes de *possuir* (isto é, ler e anotar) a fotocópia anterior. Há muitos casos que *ignoro* porque fotocopiei certo trecho: sinto-me tranqüilo como se o tivesse lido.

Se o livro for seu e não tiver valor de antigüidade, não hesite em anotá-lo. Não dê crédito àqueles que dizem que os livros são intocáveis. Maior respeito é usá-lo, não pô-lo de lado. Mesmo se você os vender a um sebo, não obterá mais que alguns tostões, pouco importando se deixou nele ou não o sinal de sua posse.

Leve tudo isso em conta antes de escolher o tema da tese. Se este obrigá-lo à consulta de livros inacessíveis, de milhares de páginas, sem possibilidade de fotocopiá-los ou transcrevê-los em cadernos e mais cadernos, a tese não serve para você.

4.2.3. As fichas de leitura

A ficha mais comum e mais *indispensável* é a de leitura: ou seja, aquela em que você anota com exatidão todas as referências bibliográficas concernentes a um livro ou artigo, explora-lhe o conteúdo, tira dele citações-chaves, forma um juízo e faz observações.

Em suma, a ficha de leitura constitui um aperfeiçoamento da ficha bibliográfica descrita em 3.2.2. Esta última contém apenas as indicações úteis para encontrar o livro, ao passo que a de leitura contém todas as informações sobre o livro ou artigo, e, portanto, deve ser *muito maior*. Você poderá usar as de formato padrão ou fazê-las pessoalmente; em geral, contudo, devem ter o tamanho de uma folha de caderno na horizontal ou de meia folha de papel ofício. Convém que seja de cartolina para ser facilmente consultada no fichário ou reunida em pacotes ligados com elástico; não deve borrar, permitindo que a pena deslize suavemente sobre ela. Sua estrutura deve ser mais ou menos a das fichas exemplificativas propostas nas Tabelas 7-14.

Nada impede, antes se aconselha, que para livros importantes se preencham várias fichas, devidamente numeradas e contendo cada uma, no anverso, indicações abreviadas do livro ou artigo em exame.

As fichas de leitura servem para a literatura crítica. Não são aconselháveis para as fontes primárias em virtude do que ficou dito no parágrafo precedente.

Muitas são as maneiras de fichar um livro. Depende muito da memória de cada um, pois há indivíduos que precisam escrever tudo e outros que não carecem senão de apontamentos. Digamos que o método ideal seja este:

a) *indicações bibliográficas precisas*, possivelmente mais completas do que as da ficha bibliográfica; esta lhe servia para procurar o livro, a de leitura para falar do livro e citá-lo como deve ser na bibliografia final; ao elaborá-la, tem-se o livro nas mãos, podendo

extrair dele todas as indicações possíveis, tais como número de páginas, edições, dados sobre a editora etc.;

b) *informações sobre o autor*, quando não se tratar de autoridade notória.

c) *breve (ou longo) resumo do livro ou do artigo*.

d) *citações extensas*, entre aspas, dos trechos que você presume dever citar (e até de outros), com indicação precisa da página ou páginas; cuidado para *não confundir citação com paráfrase* (ver 5.3.2.)!

e) *comentários pessoais* no começo, meio e fim do resumo; para não confundi-los com obra do autor, coloque-os entre colchetes.

f) coloque no canto superior da ficha uma sigla ou cor que a aproxime da parte do plano de trabalho exata; se se referir a mais de uma parte, use várias siglas; se se referir à tese em seu conjunto, assinale-o de qualquer maneira.

Para não continuar com conselhos teóricos, passemos a exemplos práticos. Nas Tabelas 7-14 você encontrará alguns exemplos de fichas. Para não inventar temas e métodos, procurei as fichas de minha tese de licenciatura, que era sobre o *Problema Estético em São Tomás de Aquino*. Não pretendo afirmar que o meu método de fichamento seja o melhor, mas estas fichas dão o exemplo de um método que contemplava diversos tipos de fichas. Ver-se-á ainda que, naquela época, eu não era tão metucioso como agora aconselho os outros a serem. Faltam muitas indicações, outras são excessivamente elípticas. Tais coisas aprendi depois. Mas não quer dizer que você deva incidir nos meus erros. Não alterei, de resto, nem o estilo nem a ingenuidade. Tire do exemplo aquilo que julgar vantajoso. Notará que optei por fichas breves e que *não* forneço exemplos de algumas que se referiam a obras que, posteriormente, se mostraram fundamentais para o meu trabalho. Elas chegaram a ocupar *dez fichas cada uma*. Vejamo-las *de per si*:

Ficha *Croce* – Tratava-se de uma breve resenha, importante por causa do autor. Só reportava uma opinião muito significativa. Observe os colchetes finais: assim procedi de fato, dois anos depois.

Ficha *Biondillo* – Ficha polêmica, com toda a irritação do neófito que vê desprezado o seu tema. Era útil anotá-la dessa maneira para inserir eventualmente uma nota polêmica no trabalho.

Ficha *Glunz* – Livro volumoso, consultado rapidamente junto com um amigo alemão para a boa compreensão do que dizia. Não tinha interesse imediato para meu trabalho, mas talvez valesse a pena citá-lo pelo menos em nota.

Ficha *Maritain* – Autor de quem eu já conhecia a obra fundamental *Art et Scolastique*, mas que me inspirava pouca confiança. Assinalei ao final não dever aceitar suas citações sem pesquisa posterior.

Ficha *Chenu* – Breve ensaio de um estudioso sério sobre assunto muito importante para meu trabalho. Tirei dele tudo quanto foi pos-

Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico (EDF0285)

orientações para leitura, fichamento e produção de texto

Professora Juliana Oliva

Tabela 7: FICHA DE LEITURA

Croce, Benedetto,
Recensão a Nelson Sella, Estetica musicale in S.T. d'A
La critica, 1931, p. 71

T. Gen (v)
(v.ficha)

Realça o cuidado e a modernidade de convicções estéticas com que Sella aborda o tema.

Com relação a S.T., Croce afirma:

"... o fato é que suas idéias sobre o belo e a arte não são falsas, mas muito gerais, e por isso pode-se sempre, num certo sentido, aceitá-las ou adotá-las. Como as que atribuem à pulcritude ou beleza a integridade, perfeição, ou consonância, e a clareza, isto é, a nitidez das cores. Ou como essa outra, segundo a qual o belo diz respeito ao poder cognoscitivo; e mesmo a doutrina para a qual a beleza da criatura é a semelhança da beleza divina presente nas coisas. O ponto central é que os problemas estéticos não constituam objeto de um verdadeiro interesse nem para a Idade Média em geral, nem para São Tomás em particular, cujo espírito se voltava para outros caminhos: daí estarem condenados à generalidade. E por isso os trabalhos em torno da estética de São Tomás e de três filósofos medievais são pouco frutíferos e tediosos, quando não são (em geral não são) tratados com a discrição e a elegância com que Sella escreveu o seu".

[A refutação dessa tese pode servir-me como tema introdutório. As palavras conclusivas como hipoteco]

98

OTIMIZANDO COMO SE FAZ UMA TESE

Tabela 8: FICHA DE LEITURA

Biondillo, Francesco
"L'estetica e il gusto nel Medioevo", cap. II da
Breve storia del gusto e del pensiero estetico, Messina, Principato, 1924, pág. 29.

Hist. Gen. (v)

Biondillo ou o gentillismo mfope

Passamos por cima da introdução, vulgarização para almas jovens do verbo gentilliano. Vejamos o capítulo sobre a Idade Média: S.T. é liquidado em 18 linhas. "Na Idade Média, com o predomínio da teologia, da qual a filosofia foi considerada serva... o problema artístico perdeu a importância que tinha ascendido especialmente por obra de Aristóteles e de Plotino." [Carência cultural ou má-fé? Culpa sua ou da escola?] Continuemos: "isto é, estamos com o Dante da idade madura que, no Convívio (II, 1), atribui à arte pelo menos quatro significados [expõe a teoria dos quatro sentidos, ignorando que Buda já a repetia; não sabe mesmo nada... E Dante e outros acreditaram que esse significado quádruplo existia na Divina C., a qual, pelo contrário, só tem valor artístico apenas quando, e só enquanto, é expressão pura e desinteressada de um mundo interior próprio, e Dante se abandona por inteiro em sua visão".

[Pobre Itália! E pobre Dante, toda uma vida esforçando-se na busca de supra-sentidos e para ao final esse sujeito afirmar que não estavam lá! A ser citado como teratologia historiográfica.]

O PLANO DE TRABALHO E O FICHAMENTO

99

Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico (EDF0285)

orientações para leitura, fichamento e produção de texto

Professora Juliana Oliva

Tabela 10: FICHA DE LEITURA

Maritain, Jacques T. Símb. (v)
"Signe et symbole"
Revue Thomiste, abril 1938, p. 299

Na expectativa de uma pesquisa profunda sobre o tema (da Idade Média até hoje), propõe-se chegar a uma teoria filosófica do signo e a reflexões sobre o signo mágico.
[Insuportável como sempre: moderniza sem fazer filologia; não se refere, por exemplo, a São Tommas, mas a João de São Tomás!]

Desenvolve a teoria deste último (ver minha ficha): "Signum est id quod repraesentat aliud a se potentiae cognoscenti" (Lóg. II, P, 21, 1).
"(Signum) essentialiter consistit in ordine ad signatum".
Mas o signo não é sempre a imagem e vice-versa (o Filho é a imagem e não signo do Pai, o grito é o signo e não imagem da dor). João de S. Tomás acrescenta:
"Ratio ergo imaginis consistit in hoc quod procedat ab alio ut a principio, et in similitudinem ejus, ut docet S.Thomas, I, 35 e XCXIII (???)".
Diz então Maritain que o símbolo é um signo-imagem: "quelque chose de sensible signifiant un objet en raison d'une relation presupposée d'analogie" (303).
Isto deu-me à ideia de consultar ST, De Ver. VIII, 5 e C.G. III, 49.
Maritain desenvolve ainda idéias sobre o signo formal, instrumental, prático, etc., e sobre o

Tabela 10: (Continuação)

Maritain 2

signo como ato de magia (parte documentadíssima).

Quase não se refere à arte [mas já se encontram aqui alguns acentos às raízes inconscientes e profundas da arte que depois encontraremos em Creative Intuition].

Para uma interpretação tomista é interessante o seguinte: "... dans l'oeuvre d'art se trouvent le signe spéculatif (l'oeuvre manifeste autre chose qu'elle) et le signe poétique (elle communique un ordre, un appel); non qu'elle soit formellement signe pratique, mais c'est un signe spéculatif qui par surabondance est virtuellement pratique: et elle-même, sans le vouloir, et à condition de ne pas le vouloir, est aussi une sorte de signe magique (elle séduit, elle ensorcelle)" (329).

Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico (EDF0285)

orientações para leitura, fichamento e produção de texto

Professora Juliana Oliva

Tabela 11: FICHA DE LEITURA

Chenu, M.D. T.Im-fant. (s)

"Imaginatio - Note de lexicographie philosophique"
Micellanea Mercati, Vaticano, 1946, p. 593

Vários sentidos do termo. Antes de tudo o agostiniano:
"Im. est vis animae, quae per figuram corporearum rerum absente corpore sine exteriori sensu dignoscit" (cap. 38 do De spiritu et anima atribuível em parte a Isacco di Stella, e uma parte a Ugo di San Vittore e outros).

No De unione corporis et spiritus de Ugo (PL, 227, 285) fala-se da sublimação de um lado sensível num dado inteligível que realiza a imaginatio. Nesta perspectiva mística, a iluminação do espírito e o encadeamento dinâmico das forças são chamados formatio. A imaginatio nesse processo de formatio mística aparece também em Bonaventura (Itinerarium): sensus, im. (= sensualitas), ratio, intellectus, intelligentia, apex mentis. A im. intervém na feita do inteligível, objeto do intellectus, ao passo que a intelligentia completamente purificada de ligações sensíveis engloba o intelectibile.

A mesma distinção adota Boécio. O intelligibile é o mundo sensível, enquanto o intelectibile é Deus, as idéias, a hyle, os primeiros princípios.

Ver Comm. in Isaq. Porph. (1,3). Ugo di San Vittore no Didasc. retoma esta posição. Gilbert de la Porrée recorda que imaginatio e intellectus são chamados opinio por muitos: assim faz Gu-

Tabela 11: (Continuação)

Chenu 2

Itéme de Conches. A imago é forma, mas imersa na matéria, não forma pura.

Vejam agora S. Tomás!

Para ele, de acordo com os árabes (De ver., 14, 1), a imago é apprehensio quidditatis simplicis, quae alio etiam nomine formatio dicitur (in I Sent., 19, 5, 1 ad 7). [Mas então é a simplex apprehensio!!] Imaginatio traduz o árabe taḡawar, derivado de surat (imagem): quer dizer também forma, do verbo ṣawara (formar, modelar) e também descrever e conceber. [Muito importante, a retomar!!]

Αὐτοῦς de Aristóteles torna-se formatio: formar em si mesmo uma representação da coisa.

Pelo que em ST (I Sent., 8.1.9): "Primo quod cadit in Imaginatione intellectus est ens".

Aristóteles com o De Anima introduz a famosa definição de fantasia. Mas para os medievais fantasia significava sensus communis, e imaginatio era a virtus cogitativa.

Só Gundisalvi tenta dizer: "sensus communis est virtus imaginativa = fantasia".

[Que confusão! Verificar tudo.]

Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico (EDF0285)

orientações para leitura, fichamento e produção de texto

Professora Juliana Oliva

Tabela 12: FICHA DE LEITURA

Curtius, Ernst Robert Th. Gen.
Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter, Bern, Franke, 1948 em particular C.12, par. 3

Grande livro. Só me serve por enquanto a pág. 228.

Pretende demonstrar que um conceito de poesia em toda a sua dignidade, capacidade reveladora e aprofundamento da verdade, foi ignorado pelos escolásticos, mas permaneceu vivo em Dante e nos poetas do século XIV [Nisso tem razão].

Em Alberto Magno, por exemplo, o método científico (modus definitionis, divisivus, collectivus) se opõe ao método poético da Bíblia (histórias, parábolas, metáforas).

O modus poeticus como o mais débil entre os modos filosóficos.

[Há algo do gênero em ST, pesquisar!!!]

De fato, Curtius remete a ST (I,1,9 ad 1) e à distinção da poesia como infima doctrina! (ver ficha). A escolástica, em suma, jamais se interessou pela poesia e jamais produziu nenhuma poética [isto é verdade para a escolástica, mas não para a Idade Média] e nenhuma teoria da arte [não é verdade]. Preocupar-nos em extrair daí uma estética da literatura e das artes plásticas não tem, por isso, qualquer sentido e nem objetivo.

A condenação vem no número 1 da pág. 229: "O homem moderno superestima a arte porque perdeu o sentido da beleza inteligível que o neoplatonismo e a Idade Média tinham bem claro. Sero te ama-

106

COMO SE FAZ UMA TESE

Tabela 12: (Continuação)

Curtius 2

vi, Pulchritudo tam antiqua et tam nova, diz Santo Agostinho a Deus (Conf. X, 27, 38). Aqui se fala de uma beleza que a estética desconhece por inteiro [mas é o problema da participação do Belo divino nos seres?]. Quando a escolástica fala da Beleza, está pensando a beleza como atributo de Deus. "A metafísica do Belo (ver Plotino) e a teoria da arte nada têm a ver uma com a outra!" [é verdade, mas se encontram no terreno neutro de uma teoria da forma!]

[Atenção, este autor não é como Biondillo! Ignora alguns textos filosóficos de ligação, mas sabe das coisas. A refutar com respeito.]

O PLANO DE TRABALHO E O FICHAMENTO

107

Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico (EDF0285)

orientações para leitura, fichamento e produção de texto

Professora Juliana Oliva

Tabela 13: FICHA DE LEITURA

Marc, A.

T. Tom. Gen. Transc. (v)

"La méthode d'opposition en ontologie"

Revue Néoscholastique, I, 1931, p. 149

Artigo teórico, mas com boas sugestões.

O sistema tomista move-se num jogo de oposições que lhe dá vida.

Da idéia primitiva de ser (onde o espírito e o real se encontram num ato cognoscitivo que capta aquela realidade primeira que os supera a ambos), aos transcendentais vistos em mútua oposição: identidade e diversidade, unidade e multiplicidade, contingência e necessidade, ser e não ser tornam-se Unidade. O ser em relação à inteligência como experiência interior é Verdade, em relação à verdade como appetibilidade é Bondade: "Une notion synthétique concilie en elle ces divers aspects et révèle l'être relatif à la fois à l'intelligence et à la volonté, intérieur et extérieur à l'esprit: c'est le Beau. À la simple connaissance il ajoute la complaisance et la joie, tout comme il ajoute au bien la connaissance: il est la bonté du vrai, la vérité du bien; la splendeur de tous les transcendants réunis!" - citação de Maritain (154).

A demonstração continua com esta linha de desenvolvimento:

Ser: 1) Transcendentais

2) Analogia como composição da multiplicidade na unidade

Tabela 13: (Continuação)

Marc 2

Ato e potência [aqui, aproxima-se muito de Grenet, ou vice-versa]

Ser e essência

3) As categorias: o ser na medida em que o afirmamos é - e afirmamo-lo na medida em que é substância: caracterização etc.

A relação

Pela oposição e pela composição de todos os contrários chega-se à unidade.

O que era escândalo para o pensamento acaba por conduzi-lo ao sistema.

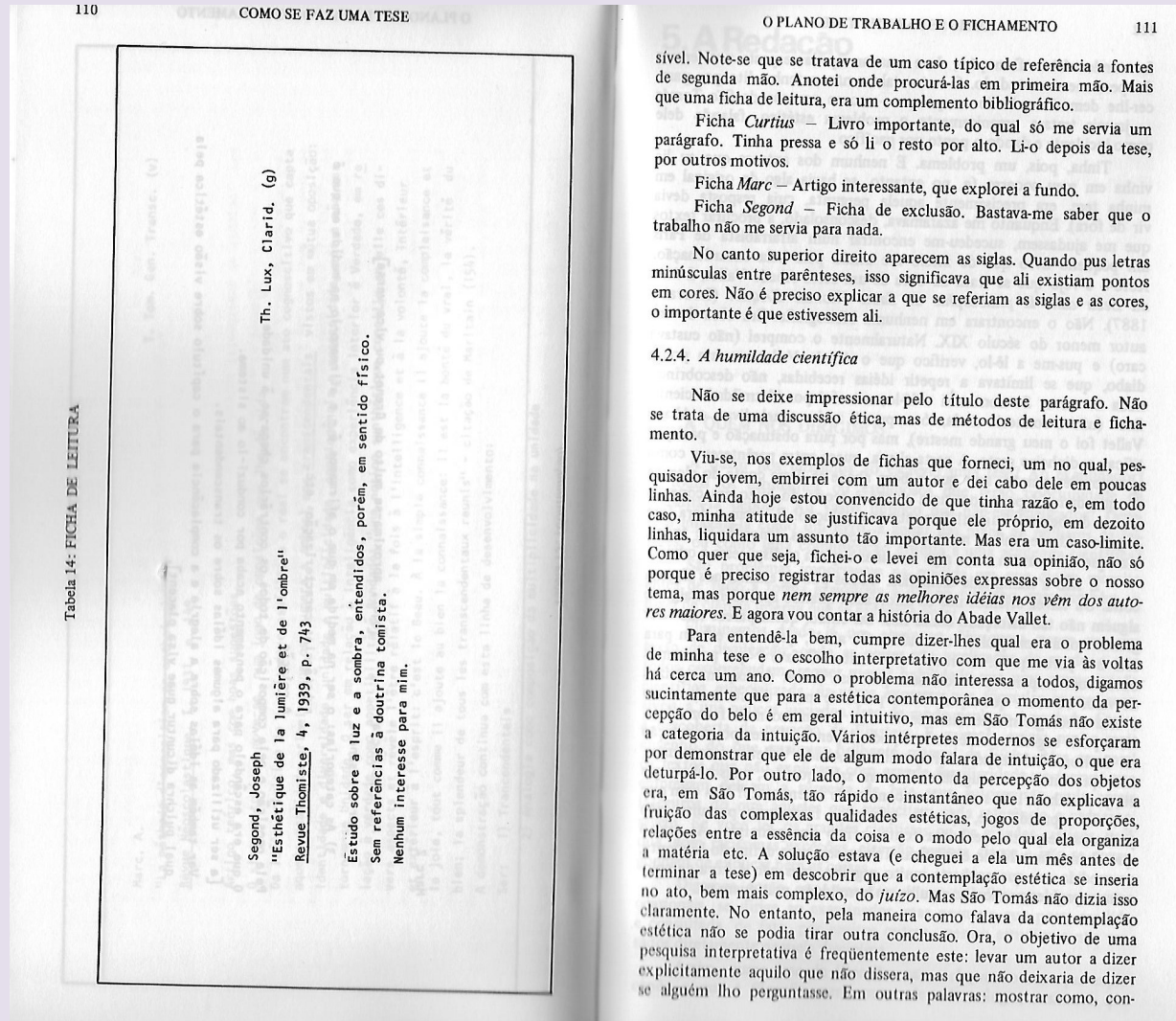
[a ser utilizado para algumas idéias sobre os transcendentais.

Ver também as idéias sobre a alegria e a complacência para o capítulo sobre visão estética pela qual pulchra dicuntur quae visa placent].

Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico (EDF0285)

orientações para leitura, fichamento e produção de texto

Professora Juliana Oliva



Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico (EDF0285)

orientações para leitura, fichamento e produção de texto

Professora Juliana Oliva

frontando várias afirmações, deve emanar aquela resposta nos termos do pensamento estudado. O autor talvez não o tenha dito por parecer-lhe demasiado óbvio ou porque — como no caso de São Tomás — jamais tratara organicamente o problema estético, falando dele como incidente e dando o ponto por pacífico.

Tinha, pois, um problema. E nenhum dos autores que eu lia vinha em meu socorro (e, no entanto, se havia algo de original em minha tese, era precisamente aquela pergunta, cuja resposta devia vir de fora). Enquanto me azafamava, desconsolado, a procurar textos que me ajudassem, sucedeu-me encontrar num alfarrabista de Paris um pequeno livro que de início me atraíu pela bela encadernação. Abro-o e vejo que se trata da obra de um certo Abade Vallet, *L'idée du Beau dans la philosophie de Saint Thomas d'Aquin* (Louvain, 1887). Não o encontrara em nenhuma bibliografia. Era obra de um autor menor do século XIX. Naturalmente o comprei (não custava caro) e pus-me a lê-lo, verifico que o Abade Vallet era um pobre diabo, que se limitava a repetir idéias recebidas, não descobrindo nada de novo. Se continuei a lê-lo, não foi por “humildade científica” (não a conhecia ainda, só a aprendi ao ler aquele livro, o Abade Vallet foi o meu grande mestre), mas por pura obstinação e para justificar o dinheiro gasto. A certa altura, quase entre parênteses e como que por desatenção, sem que o bom abade se desse conta do alcance do que dizia, deparo com uma alusão à teoria do juízo em conexão com a da beleza! Eureka! Encontrara a solução! E quem a dera fora o pobre Abade Vallet; morto havia já cem anos, ignorado de todos, mas que ainda assim tinha algo a ensinar a quem se dispusesse a ouvi-lo.

É isto a humildade científica. Todos podem ensinar-nos alguma coisa. Ou talvez sejamos nós os esforçados quando aprendemos algo de alguém não tão esforçado como nós. Ou então, quem parece não valer grande coisa tem qualidades ocultas. Ou ainda, quem não é bom para este o é para aquele. As razões são muitas. O fato é que precisamos ouvir com respeito a todos, sem por isso deixar de exprimir juízos de valor ou saber que aquele autor pensa de modo diferente do nosso e está ideologicamente distante de nós. Até nosso mais feroz adversário pode sugerir-nos idéias. Isso pode depender do tempo, da estação ou da hora. Talvez, se eu tivesse lido o Abade Vallet um ano antes, não aproveitaria sua sugestão. E quem sabe quantos, mais hábeis que eu, já o tinham lido sem nada encontrar de interessante? Mas com este episódio aprendi que, quando queremos fazer uma pesquisa, não podemos desprezar nenhuma fonte, e isto por princípio. Aí está o que chamo humildade científica. Talvez seja uma definição hipócrita, na medida em que acoberta muito orgulho, mas não é hora de colocarmos problemas morais: orgulho ou humildade, pratiquem-na.

Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico (EDF0285)

orientações para leitura, fichamento e produção de texto

Professora Juliana Oliva

Escrita

Primeira dica: a pessoa que lerá o seu texto não está na sua cabeça. Parece óbvio, mas enquanto escrevemos, parece que esquecemos disso. É importante dar todos os detalhes que possam aproximar a leitora e o leitor do tema e do problema com os quais você está trabalhando. Não pense na professora ou no professor, ou seja, em quem conhece o tema sobre o qual você escreve, como a pessoa que lerá seu texto, mas considere o público geral. Como você explicaria um problema, um argumento ou os passos para sua reflexão para uma pessoa que não conhece a bibliografia que você está utilizando?

Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico (EDF0285)

orientações para leitura, fichamento e produção de texto

Professora Juliana Oliva

Estabelecer o caminho que você quer seguir pode ser um bom guia para sua escrita. No caso de um trabalho maior, esse caminho seria o sumário. Você pode imaginar, por exemplo, quais partes você gostaria que seu texto tivesse, mesmo que ele seja pequeno, e quais nomes você daria a elas, como se esses nomes fizessem parte de um sumário. Tenho quase certeza de que no momento da escrita essa lista será alterada, o que não é um problema, mas tendo-a como ponto de partida já é um modo de iniciar seu texto tendo alguma direção. No caso das nossas atividades para conclusão do semestre, é importante que você saiba que esta lista não precisa ser compartilhada com o resultado final do texto, você não precisa enviar sua atividade com um sumário.

A esta parte sobre escrita, acrescento um outro trecho de *Como se faz uma tese*, sobre escrever uma tese. Esse ainda não é o caso de vocês, mas penso que estas primeiras dicas de Eco valem a pena:

Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico (EDF0285)

orientações para leitura, fichamento e produção de texto

Professora Juliana Oliva

5. A Redação

5.1. A QUEM NOS DIRIGIMOS

A quem nos dirigimos ao escrever uma tese? Ao examinador? A todos os estudantes ou estudiosos que terão oportunidade de consultá-la depois? Ao vasto público dos não-especializados? Devemos imaginá-la como um livro, a andar nas mãos de milhares de leitores, ou como uma comunicação erudita a uma academia científica?

São problemas importantes na medida em que dizem respeito antes de tudo à forma expositiva a dar ao trabalho, mas também ao nível de clareza interna que se pretende obter.

Eliminemos desde já um equívoco. Há quem pense que um texto de divulgação, onde as coisas são explicadas de modo a que todos compreendam, requer menos habilidade que uma comunicação científica especializada, às vezes expressa por fórmulas apenas acessíveis a uns poucos iniciados. Isso de modo nenhum é verdade. Certo, a descoberta da equação de Einstein, $E = mc^2$, exigiu muito mais engenho do que qualquer brilhante manual de Física. Mas em geral os textos que não explicam com grande familiaridade os termos que empregam deixam a suspeita de que seus autores são muito mais inseguros do que aqueles que explicitam cada referência e cada passagem. Se você ler os grandes cientistas ou os grandes críticos, verá que, com raríssimas exceções, eles são sempre claros e não se envergonham de explicar bem as coisas.

Digamos então que uma tese é um trabalho que, por razões ocasionais, se dirige ao examinador, mas presume que possa ser lida e consultada, de fato, por muitos outros, mesmo estudiosos não versados diretamente naquela disciplina.

Assim, numa tese de filosofia, não será preciso começar explicando o que é filosofia, nem, numa de vulcanologia, ensinar o que

são vulcões. Mas, imediatamente abaixo desse nível óbvio, será sempre conveniente fornecer ao leitor todas as informações de que ele precisa.

De início, *definem-se os termos usados*, a menos que se trate de termos consagrados e indiscutíveis pela disciplina em causa. Numa tese de lógica formal, não precisarei definir um termo como “*implicação*” (mas numa tese sobre a implicação estrita de Lewis, terei de definir a diferença entre implicação material e implicação estrita). Numa tese de lingüística não terei de definir a noção de fonema (mas devo fazê-lo se o assunto da tese for a definição de fonema em Jakobson). Porém, nesta mesma tese de lingüística, se empregar a palavra “*signo*” seria conveniente defini-la, pois dá-se o caso de que o termo se refere a coisas diversas em autores diversos. Portanto, teremos como regra geral: *definir todos os termos técnicos usados como categorias-chave em nosso discurso*.

Em segundo lugar, não é necessário partir do princípio que o leitor tenha feito o mesmo trabalho que nós. Se nossa tese versar sobre Cavour, é possível que ele saiba de quem se trata, mas se versar sobre Felice Cavallotti convém recordar, embora sobriamente, quando este autor viveu, quando nasceu e como morreu. Enquanto escrevo tenho sob os olhos duas teses de uma faculdade de letras, uma sobre Giovan Battista Andreini e outra sobre Pierre Rémond de Sainte-Albine. Posso jurar que, arrebanhando cem professores universitários, todos até de letras e filosofia, só uma pequena fração deles conhecerá algo sobre esses dois autores menores. Ora, a primeira tese começa (mal) com:

A história dos estudos sobre Giovan Battista Andreini começa com uma lista de suas obras elaborada por Leone Allacci, teólogo e erudito de origem grega (Quios 1586-Roma 1669) que contribui para a história do teatro... etc.

É desapontador para qualquer pessoa ser informada com tamanha precisão sobre Allacci, que estudou Andreini, e não sobre o próprio Andreini. Mas — dirá o autor — Andreini é o herói de minha tese! Justamente, se é o seu herói, a primeira coisa a fazer é torná-lo familiar a quem quer que vá ler sua tese; não basta que o examinador o conheça. Você não está escrevendo uma carta pessoal ao examinador, mas um livro potencialmente endereçado a toda a humanidade.

A segunda tese, com mais propriedade, principia assim:

O objeto de nosso estudo é um texto publicado na França, em 1747, escrito por um autor que não deixou muitos outros traços de sua existência, Pierre Rémond de Sainte-Albine. . .

após o que se começa a explicar de que texto se trata e qual a sua importância. Parece-me um começo correto. Sei que Sainte-Albine viveu no século XVIII e que, se tenho pouquíssimas idéias a seu respeito, isso se justifica pelo fato de haver deixado poucos traços de sua vida.

Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico (EDF0285)

orientações para leitura, fichamento e produção de texto

Professora Juliana Oliva

Por fim, deixo outra dica valiosa: fazer **mais de uma revisão** melhora o seu texto. Revisar pela **leitura em voz alta** faz toda a diferença, e se você tiver **alguém por perto que tope te escutar**, pode ser ainda melhor.

E não esqueça de consultar o **Manual de Normas ABNT** para trabalhos acadêmicos, disponível em <http://www4.fe.usp.br/biblioteca/capacitacao-usuarios/manualabnt-trabalhosacademicos> para a elaboração da capa (p. 25-28), organização das referências (p. 49-50) e citações (53-58) etc. **Não vou diminuir sua nota caso não siga as normas, mas é interessante aprender e exercitar o uso dessas regras, para você se acostumar com os formatos dos trabalhos acadêmicos.**

Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico (EDF0285)

orientações para leitura, fichamento e produção de texto

Professora Juliana Oliva

Referências bibliográficas

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. Trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1998.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Como ler um texto de filosofia*. São Paulo: Paulus, 2009